

USO DO LHE COMO OBJETO DIRETO

Kamilly Mendes Pereira¹

Norma Lucia F. de Almeida (orientadora)

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa volta-se para o uso dos pronomes de tratamento na forma oblíqua. Dá-se particular ênfase ao uso do *lhe* como OD. O que se pretende dizer neste trabalho é que o pronome *lhe* mantém-se vigoroso no PB, mas experimenta uma perda de seu traço de caso [+ dativo], estendendo seu uso para o domínio do caso acusativo – o objeto direto em português. As pesquisas sobre o sistema pronominal do português têm demonstrado que os fenômenos que se inserem na chamada remodelagem do quadro de pronomes, nomeadamente este que ora se apresenta, o uso de *ele/ela* para representar o objeto direto, a perda dos clíticos anafóricos de terceira pessoa, o uso das formas *você* e a *gente* em posição prototipicamente assumida por um pronome clítico, incluem-se numa tendência à eliminação dos resíduos de marcas casuais que, ao longo do tempo, tem atingido todo o sistema pronominal. Diante do exposto, traça-se como objetivo principal desta pesquisa, descrever o uso das formas de segunda pessoa para pronominalizar o OD.

METODOLOGIA

Alternam-se, pelo menos, quatro formas para representar o objeto direto de segunda pessoa: i) o uso de *te*; ii) o uso de *lhe*; iii) o uso de *você* e iv) a estratégia com o objeto nulo. Neste trabalho, com base no aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, investigam-se os fatores linguísticos, pragmático-discursivos e sociais que presidem a escolha do falante por uma das formas disponíveis. Para tanto, tomaram-se como *corpus* amostras de falas de 9 pessoas, distribuídas pelos dois sexos, em três faixas etárias: faixa 1 (15 a 25 anos), faixa 2 (30 a 45 anos), faixa 3 (acima de 46).

ANÁLISE DOS DADOS

Os dados analisados apontaram para um uso bastante equilibrado das variantes *te* e *lhe* no tratamento do interlocutor, evidenciando que, em Feira de Santana, o clítico *lhe*, contrário ao que prescreve a tradição gramatical, alterna-se entre o dativo e o acusativo. Dentre os resultados obtidos na análise quantitativa, realizada com o suporte

do pacote de programas estatísticos VARBRUL, a *faixa etária* mostrou-se um fator importante para explicar a variação *te* e *lhe*, apontando para o fato de que há em Feira de Santana uma mudança em curso em direção à forma *te*. Na análise da variável *sexo*, pôde-se verificar que a mudança em questão é liderada pelas mulheres.

Os primeiros resultados deste trabalho revelaram que as formas disponíveis em Feira de Santana para representar o OD de segunda pessoa estão longe de serem apenas aquelas prescritas pela tradição gramatical e propagadas pela escola e livros didáticos. Se para a gramática tais formas podem ser os clíticos acusativos *o*, *a*, *os*, *as* ou o pronome *te*; para os falantes, os primeiros já estão entrando em desuso, restando-lhes a opção de recorrer a outras estratégias. Os dados evidenciaram que as formas preferidas no trato com o interlocutor são os clíticos *lhe* e *te*. A estratégia com o OD nulo também é produtiva na amostra analisada, mas não foi objeto de análise neste trabalho. O *lhe* em algumas situações parece apresentar ao falante a incerteza quanto ao seu status, uma vez que serve a relações solidárias e não-solidárias; e *te*, eminentemente mais íntimo e mais informal. A tabela a seguir mostra as constatações obtidas para esta variável:

Tabela 1: Percentual geral de uso de *te*/*lhe* como objeto direto de segunda pessoa (português culto feirense).

TE	Lhe
9/40	31/40
22%	77%

Como se vê, pelos números descritos na tabela, as comparações atuam sobre a escolha do clítico *lhe* na amostra em questão. Os resultados estatísticos apontam para o fato de que o pronome *lhe* ser mais usado na sequência discursiva cuja forma antecedente é também o pronome *lhe*, como se pode observar pelo cálculo da frequência (77%) e o pronome *te* entrando em desuso com 22%.

A faixa etária tem-se revelado de grande importância para os estudos sociolinguísticos, uma vez que através da distribuição das variantes em diferentes faixas etárias, numa linha de tempo aparente, é possível observar se há na comunidade uma variação estável, um caso de gradação etária ou uma mudança em curso.

Tabela 2: Percentual de uso de *te/lhe* como objeto direto de segunda pessoa de acordo com a faixa etária (português culto feirense).

Faixa etária/ <i>te/lhe</i>	<i>Te</i>	<i>Lhe</i>
Faixa 1 (15-25)	8/17 18%	14/17 88%
Faixa 2 (30-45)	5/14 36%	9/14 64%
Faixa 3 (acima de 46)	1/9 11%	8/9 89%

De acordo com os resultados expostos na Tabela 2, há equilíbrio no uso das variantes entre as faixas. Os falantes mais velhos demonstram clara preferência pela variante *lhe*, o que se confirma pela porcentagem de 89% e do *te* entrando em desuso com 11%, o que é confirmado pelos percentuais encontrados na faixa 1 que apresenta 88% de uso de *lhe* e apresenta o desuso do pronome *te* com 18%. Na faixa 2, a porcentagem é de 64% e há um equilíbrio com o uso do *te* pois apresenta 36%. O uso maior do padrão pela faixa 2, pode ser explicado por essa ser uma faixa em que as pessoas estão no mercado de trabalho e estão, geralmente, galgando promoções e melhorias profissionais, o que as pressionam a usar mais a variante padrão.

A variável explanatória do sexo do informante tem sido considerada em muitos estudos sociolinguísticos, que, não raro, atestam a influência desse fator sobre a variação estudada, evidenciando que homens e mulheres apresentam comportamentos diferentes em relação à preferência por certos empregos. Aponta-se, por exemplo, que as mulheres tendem a usar formas mais prestigiadas socialmente como uma estratégia de elevar sua mobilidade social, ao contrário dos homens, que, culturalmente, detêm o poder. Pois há uma necessidade de compensar, através da linguagem, a posição de inferioridade que ocupam na sociedade. No entanto, com essa variável essa questão não se confirma, como se vê pelos percentuais abaixo.

Tabela 3: Percentual de uso de *te/lhe* como objeto direto de segunda pessoa de acordo com sexo dos informantes (português culto feirense).

Sexo/ <i>te/lhe</i>	<i>Te</i>	<i>Lhe</i>
Feminino	6/32 19%	25/32 81%
Masculino	3/8 38%	5/8 62%

Depreende-se da leitura dos índices vistos na Tabela 3 que há preferência dos homens pelo uso da forma *lhe*, confirmada pela frequência de 62% em relação ao *te* que apresenta 38%. Para as mulheres, registram-se uma frequência de 81% e o *te* com 19%

revelando que estas têm maior probabilidade de optar por outra forma para representar o OD na referência a segunda pessoa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, comprovou-se que a forma *lhe* como objeto direto de segunda pessoa faz parte do repertório linguístico do falante feirense. Os grupos etários usam-na em oposição a *te* para indicar diferentes graus de intimidade e de respeito em relação a seus interlocutores. Reitera-se a existência de limitações impostas à análise pelo número muito reduzido de dados, destacando-se que os resultados aqui exibidos atendem principalmente à amostra analisada. Somente a realização de outros estudos, em *corpora* sincrônicos e diacrônicos, com ampliação do número de dados, poderá indicar se os resultados aqui arrolados podem ser generalizados.

REFERENCIAS:

ALMEIDA, Gilce de Souza. **Quem te viu Quem lhe vê: A expressão do objeto acusativo de referência a segunda pessoa na fala de Salvador**. Salvador, 2009.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

CÂMARA JR., J. Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHOMSKY, Noam. **O conhecimento da língua: sua natureza, origem e uso**. Tradução de Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves. Lisboa: Caminho, 1994.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 17. ed. Lisboa: Sá da Costa, 2002.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

ILARI, Rodolfo et al. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para a análise. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de; BASÍLIO, Margarida (Org.). **Gramática do português falado: estudos descritivos**. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2002. v. 4. p. 73-159.

LABOV, William. **Padrões sociolingüísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]. LAVANDERA, Beatriz. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, n. 7, p. 171-183, 1978.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolingüística**. 2 ed. São Paulo, Ática, 2005